

“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional¹

“Today we are anthropophages, and that is how we arrived at perfection”: Brazilian anthropophagy and national identity

Alice de Souza Araújo²

Resumo: Este estudo teve como objeto de análise o projeto político inscrito na Antropofagia brasileira, movimento artístico e intelectual do final da década de 1920. Mais especificamente, buscou-se investigar se a Antropofagia propunha uma ideia de identidade nacional, visto que este era um assunto amplamente discutido no início do século XX. Para tanto, foi feita uma análise da *Revista de Antropofagia* - periódico criado para socializar o projeto antropófago - como principal fonte documental, entendendo-a por meio de seus artigos programáticos. O objetivo geral, portanto, foi de analisar detidamente os textos da revista que explicitam os caminhos ideológicos seguidos pelo movimento antropófago, na tentativa de entender se traçava o esboço de uma identidade nacional.

Palavras-Chave: Pensamento político. Movimento Antropófago. Projeto político. Identidade Nacional. *Revista de Antropofagia*.

Abstract: This study had as its object of analysis the political project inscribed in the Brazilian Anthropophagy, which is an artistic and intellectual movement of the late 1920s. More specifically, it aims to investigate whether Anthropophagy proposed an idea of national identity, since this was a subject widely discussed at the beginning of the 20th century. For this purpose, an analysis of the *Revista de Antropofagia* - a journal created to socialize the anthropophagic project - was made as the main documentary source of this research, understanding the journal from its programmatic papers. The general objective, therefore, was to carefully analyze the magazine's texts that explain the ideological paths followed by the anthropophagic movement, in an attempt to understand whether it outlined a national identity.

Keywords: Political thinking. Anthropophagous Movement. Political project. National Identity. *Revista de Antropofagia*.

¹ Este texto é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Movimento Antropófago e Identidade Nacional*, desenvolvida entre 2018 e 2019 sob a orientação do professor Dr. Bernardo Ricupero e continuada no mestrado, em 2023, sob mesma orientação.

² Mestranda em Ciência Política pela Universidade de São Paulo - USP. ORCID: [0000-0003-0897-8583](https://orcid.org/0000-0003-0897-8583). E-mail: alice.soaraujo@gmail.com.



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

Introdução

O panorama cultural brasileiro do início do século XX foi marcado, dentre outras coisas, pela grande influência que os paradigmas europeus exerciam tanto nas artes quanto nas letras e na política do país. Diante desse contexto, parte dos círculos intelectuais dos grandes centros - especialmente de São Paulo - reconheciam no Brasil um certo tipo de transposição de ideias que dava à cultura nacional um caráter postiço, cujo resultado se configurava como proposições de soluções europeias a problemas americanos. O incômodo gerado por essa situação passou a ser bastante discutido pelas correntes vanguardistas do Modernismo brasileiro, que, diante de um país em transformação, propunham novas maneiras de perceber as particularidades do Brasil, articulando, para tanto, arte e sociedade.

Oswald de Andrade figurou como um dos artistas e escritores mais expressivos desse projeto, encabeçando movimentos importantes como o pioneiro Pau-Brasil e seu herdeiro, mais radical, movimento antropófago. A Antropofagia brasileira pode ser entendida como uma mobilização intelectual de reação ao *status quo* da sociedade brasileira de seu tempo, que tinha como um dos maiores objetivos o questionamento e a proposição de uma nova maneira de pensar o Brasil em seus âmbitos histórico e cultural.

As ideias e métodos utilizados por esse movimento para estabelecer suas avaliações e construir uma nova lente de análise da realidade podem ser observados a partir da leitura da *Revista de Antropofagia*, periódico criado para socializar o projeto antropófago. Formada a partir da contribuição de diversos autores, a revista foi publicada entre maio de 1928 e agosto de 1929 e contou com 26 números distribuídos em duas fases, conhecidas como “dentições”. Composto por conteúdos e gêneros textuais diversos, esse periódico apresenta características que permitem traçar um panorama do movimento antropófago em suas diferentes dimensões. Este estudo se debruçou sobre a dimensão do projeto nacional inscrito no movimento.

De maneira mais específica, a pesquisa desenvolvida visou entender se a Antropofagia propunha uma ideia de identidade nacional, visto que esse era um assunto



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

amplamente discutido e disputado pelas correntes vanguardistas contemporâneas a ela. A *Revista de Antropofagia* foi a principal fonte documental, sendo analisada não em sua dinâmica completa e sim em seus artigos programáticos, quais sejam: *Abre-Alas*, de Antônio de Alcântara Machado, *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, *A ‘Descida’ Antropophaga*, *Nota Insistente* e *Revisão Necessária*, de Oswaldo Costa, e as séries *Moquém* e *De Antropofagia*, de Oswaldo Costa sob o pseudônimo de Tamandaré.

A intenção geral, portanto, foi de estudar detidamente alguns textos da revista que explicitam os caminhos ideológicos seguidos pela Antropofagia, buscando com isso entender se traçavam o esboço de uma identidade nacional.

Metodologia

A análise dos artigos da *Revista de Antropofagia* foi feita de maneira a compreender seus sentidos históricos; e, principalmente, a intenção dos autores ao mobilizar certas imagens e referências em seus textos. Essa ótica interpretativa se alinha à vertente skinneriana da epistemologia que constitui o contextualismo linguístico, desenvolvido na década de 1960 por historiadores da *Escola de Cambridge*.

Enquanto orientação metodológica, o contextualismo linguístico ressalta que para compreender um texto do passado – em especial do pensamento político – é preciso situá-lo no contexto de convenções sociais e linguísticas em que foi produzido, a fim de entender qual foi a intenção ilocucionária³ do autor ao escrevê-lo. Essa orientação parte do princípio proposto por Wittgenstein de que palavras são atos e, apropriando-se desta ideia, Skinner desenvolveu seu método de interpretação de textos do passado partindo do princípio de que quando diz algo, o enunciador efetua uma ação cujo significado só pode ser apreendido quando analisado em seu contexto social e linguístico de enunciação.

Neste enquadramento, a compreensão de um texto passa inicialmente por entender em que momento histórico e social a comunicação foi estabelecida. Este

³ Silva (2010) define a intenção ilocucionária como aquilo que o enunciador está fazendo ao dizer algo.



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

procedimento é fundamental para compreender os conceitos mobilizados no texto e o impacto produzido por ele, além de permitir acessar, junto ao diálogo entre enunciador e receptor do texto, o contexto linguístico em que foi produzido. No que tange esta pesquisa, os principais textos consultados para essa etapa foram os de Lafetá (2000) e Lessa (1988).

Posteriormente buscou-se entender e reconhecer o contexto de comunicação no qual os textos da revista estavam inseridos. Para tanto, identificou-se inicialmente o indivíduo ou grupo que escreveu cada texto analisado, a fim de localizar histórico e socialmente sua escrita. Neste estudo, o processo citado se desenvolveu no esforço de compreender a composição editorial da *Revista de Antropofagia* em suas duas fases. Em seguida, buscou-se entender quais textos tratavam de maneira mais programática as ideias do grupo antropófago, a quem esses escritos se destinavam e com quais outras correntes intelectuais dialogavam. Estes dois elementos foram estudados partindo principalmente dos estudos de Boaventura (1985), Azevedo (2018) e Queiroz (2016), além da própria análise da publicação antropófaga, vez que em diversas passagens os autores explicitam a quem estão endereçando seus escritos.

Por fim, foram analisadas de maneira mais pormenorizada as principais ideias e conceitos mobilizados na comunicação pretendida pela *Revista de Antropofagia*, a fim de compreender quais foram as intenções ilocucionárias dos autores do texto ao escrevê-las.

Resultados e discussões

Feitas as análises dos textos da revista, foi possível identificar alguns elementos tratados de forma recorrente e que parecem ser centrais para o projeto ideológico do grupo. De maneira geral, é possível dizer que as ideias de Ocidente, particularidade nativa, História e colonização são norteadoras da produção antropófaga.

A respeito do primeiro elemento, observa-se que a Antropofagia estava alinhada a uma temática do pensamento moderno pós-Primeira Guerra Mundial que, diante de uma Europa enfraquecida pelos horrores do conflito, levantava novamente a discussão acerca



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

da dicotomia entre civilização e barbárie. Nesse cenário, a supremacia intelectual e moral do Ocidente - representada especialmente pela Europa - começava a ser questionada; e o conceito de civilização, antes atribuído ao nível mais alto de desenvolvimento, ganhava novas interpretações. Nesse cenário, comparar-se positivamente ao Ocidente deixava de ser um *status* agregador e a ideia de civilização, portanto, perdia força. Isso aconteceu especialmente porque os “civilizados”, diz Zuin (2001), foram capazes de iniciar uma guerra cujo potencial de destruição e o número de mortes não havia sido até então documentado em lugares fora da Europa. Assim sendo, pertencer à civilização ocidental não era mais vantajoso que pertencer a barbárie, e a reivindicação desta passou a ser uma postura comum aos críticos do pensamento ocidental.

A Antropofagia brasileira somou-se a esse movimento habilitando o esquema de pensamento “nativo” como meio privilegiado para analisar sua existência, e foi a partir dessa virada que a particularidade nativa se tornou um pressuposto fundamental. O movimento antropófago se apropriou da cosmologia e dos processos da antropofagia ritual praticada pelos sociedades tupi-guarani da costa brasileira quinhentista e os transformou em um método de análise e reavaliação da realidade, o que construiu a Antropofagia como uma concepção filosófica da existência (AZEVEDO, 2018).⁴

⁴ A partir de uma comparação entre os processos da antropofagia ritual praticada pelos grupos tupi-guarani da costa brasileira quinhentista e a antropofagia literária do modernismo, Fausto (2011) defende que a referência à predação entre humanos consiste, em ambos os casos, em uma relação de apropriação das capacidades subjetivas do outro para constituição de si enquanto sujeito autônomo. Trata-se de uma operação prático-conceitual que tinha como objetivo não a identificação ou negação completa do outro, e sim a apropriação de elementos simbólicos deste. Na antropofagia tupi-guarani, diz o autor, esse processo de apropriação ocorria por meio de uma relação de predação e familiarização do inimigo. Quando capturavam seus oponentes de guerra, os indígenas dessa etnia agregavam o cativo à família, que se tornava guardião temporária dele. Às vésperas da execução, no entanto, o cativo era novamente reinimizado, sendo essa uma condição essencial para que pudesse ser comido. Esse ciclo de relações contraditórias, mas complementares, era seguido por uma série de elementos rituais que o caracterizavam enquanto meio de apropriação de perspectivas e capacidades vindas do exterior. A ideia central é que o momento do cativo familiarizado servia ao indígena para conhecer o ponto de vista de seu inimigo. Feito isso, a necessidade de reinimização provinha do fato de que era preciso que o cativo reassumisse seu ponto de vista enquanto sujeito autônomo, para só assim poder ser morto e ingerido. Era só a partir deste processo que a deglutição da carne inimiga resultava na absorção das características dele. É neste sentido que o autor defende que o antropófago nega e afirma seu inimigo, já que é dessa relação



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

Esse novo olhar lançado à experiência brasileira se expressou na *Revista de Antropofagia* mais enfaticamente no *Manifesto Antropófago*, no qual Oswald de Andrade afirmou que a antropofagia é “[...] a transformação permanente do Tabu em totem”; ou ainda “[...] transfiguração do Tabu em totem” e “[...] absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem” (ANDRADE, 1928, p. 3 e 7). Transformar o tabu em totem significa, para os antropófagos, converter o “valor oposto” em “valor favorável” (NODARI, 2015, p. 11), ou seja, atribuir às particularidades nativas um caráter positivo, constitutivo de um novo olhar para as experiências vividas. Azevedo (2018) ressalta que essa concepção constitui a operação metafísica que junto ao ritual antropófago formou a estrutura elementar do projeto proposto pela Antropofagia, já que foi a união desses dois elementos que permitiu ao movimento protagonizar a série de inversões e reavaliações que promoveram.

A reavaliação histórica é a característica mais presente em todos os textos analisados neste estudo, mas se expressa de maneira mais contundente em *Revisão Necessária*, de Oswaldo Costa. O texto reclama que “[...] nossa história tem sido má contada, [e] exige uma revisão” (COSTA, 1929, p. 6). Isso aconteceria, coloca o autor, devido ao fato de nossa historiografia ser vítima da “[...] histeria literária dos europeus”, fato que faz com que nossos historiadores estudem o Brasil e a América “[...] do ponto de vista, falso, da falsa cultura e da falsa moral do Ocidente” (COSTA, 1929, p. 6). Contra essa situação Costa reivindica que “[...] os fatos históricos não podem ser tomados isoladamente (a história anedótica não nos interessa), mas do ponto de vista da sua maior ou menor capacidade de ressonância, da sua ‘repercussão’” (COSTA, 1929, p. 6).

No trecho citado, Costa parece entender por “capacidade de ressonância” a capacidade que o fato histórico tem de ser condizente com as forças sociais e culturais que os mobilizaram, e não como fruto da interpretação descontextualizada de um observador estrangeiro. A esta última é que o autor denomina história anedótica, e dá exemplos de como o Ocidente entendeu o nativo americano por essa via: “[...] nas mãos

que emergirá enquanto novo sujeito. Fausto (2011) defende, então, que ao usar a antropofagia como metáfora, o movimento de Oswald agrega o elemento fundamental às suas proposições.



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

do índio puseram um terço e o catecismo [...]. Na inocência dele viram o fantasma do pecado sexual, corrupções hediondas, vícios nefandos” (COSTA, 1929, p. 6). Logo em seguida, Costa enfatiza que essa foi a imagem construída acerca dos nativos mesmo que documentos como os de Claude d’Abbeville⁵ e outros viajantes relatassem coisas como “[...] os selvagens viviam ‘com muito menos pecados que os portugueses’”, e as índias eram “[...] tão modestas e contidas em sua nudez que não vemos nelas nenhum movimento, gesto, palavra, ação ou qualquer coisa que possa ofender os olhos” (COSTA, 1929, p. 6, livre tradução). Isso demonstraria certo tipo de seletividade por parte da cultura ocidental ao construir a imagem do nativo americano, já que, considerando fatos isolados por meio de uma ideologia eurocêntrica, deixou fora da historiografia o que seria o “autêntico” caráter deles.

Como contraponto a essa situação o movimento antropófago investe em uma inversão de papéis. Após usar documentos dos próprios escritores europeus para ressaltar o que da história nativa escolheram silenciar, Costa usa também documentos europeus para mostrar a “história escondida” do missionário colonizador, que não havia descrito ao nativo “[...] o quadro da moral europeia, de que tantas excelentes virtudes blasonava” (COSTA, 1929, p. 6). O autor exemplifica essa moral descrevendo o caso do papa Alexandre VI, considerado um dos piores papas da história devido à sua trajetória religiosa errática, concluída com a paternidade de seis filhos. No entanto, continua, mesmo nesse cenário “[...] os nossos historiadores [...] acreditaram na lábia do roupeta” (COSTA, 1929, p. 6), educados que estavam no que chamou de “mentalidade reinol”. Por fim, o autor conclui que “[...] o Brasil ocidentalizado é, portanto, um caso de pseudomorfose histórica” e que “Só a antropofagia consegue resolvê-lo. Como? Comendo-o.” (COSTA, 1929, p. 6).

O conceito de pseudomorfose mobilizado por Costa foi cunhado pelo historiador e filósofo alemão Oswald Spengler em sua obra *O declínio do Ocidente*. Jáuregui (2016)

⁵ Padre francês enviado ao Brasil em 1612, autor do texto *Historie de la mission des pères capucins en l’isle de Maragnan et terres circonvoisines* (*História da missão dos padres capuchinhos na ilha de Maranhão e terras circunvizinhas*), de 1614, que contém relatos de sua incursão ao território que hoje forma o Maranhão.



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

afirma que o termo é apropriado da minerologia e faz referência a uma formação de determinados cristais sobre a superfície de outros, sendo, portanto, uma forma falsa, apenas de exterioridade. Atribuindo-o à análise histórica, Spengler usa o conceito de pseudomorfose “[...] para fazer referência à transformação cultural e a correspondente subsistência e resistência de uma cultura diante o domínio de outra” (SPENGLER, 2016, p. 368). Analisando o caso do Brasil como uma pseudomorfose histórica, Costa (1929) defende que por baixo da formação eurocêntrica e ocidentalizada da cultura brasileira há uma outra, particular, a ser conhecida e reabilitada. A maneira utilizada para acessar essa cultura seria a deglutição antropófaga, que permite dissolver e, sobretudo, absorver essa “superfície falsa” ocidentalizada, incorporando-a na estrutura “original” brasileira.

O processo de romper a falsa superfície e chegar ao “cerne” de nossa cultura foi descrito pelos antropófagos como “descida antropófaga”, expressão que intitula outro importante escrito de Oswaldo Costa para a revista. O objetivo central do autor nesse texto parece ser o de defender que o que associa a experiência brasileira à europeia é a relação de exploração violenta desta sobre a primeira. Nesse sentido, sugere que a associação da cultura brasileira à cultura ocidental deve ser reavaliada, a fim de substituir a história de “servilismo colonial” pela de resistência, marcada pelo “tacape inheguára” (COSTA, 1928, p. 8). Essa inversão é operacionalizada por meio de uma crítica bastante contundente às ações promovidas pelos colonizadores desde sua chegada ao que hoje conhecemos como Brasil.

A primeira imagem construída no texto é a de um jogo entre duas “descidas”: à escravidão, e, em resposta a esta, a descida à libertação. Ao usar o termo “descida” o autor faz referência aos “descimentos de índios”, nome dado às expedições coloniais que traziam indígenas rio abaixo, a fim de isolá-los em pequenos povoados e submetê-los à catequese (JÁUREGUI, 2016). Nesse sentido, ao falar de “descida” para a escravidão, Costa (1928) alude aos processos de transculturação impostos às populações indígenas, que foram forçadas a se incorporar às estruturas coloniais. Em contraposição a essa, o autor invoca a “descida para libertação”, entendida como “[...] a descida dos canibais sobre a civilização, não para submeter-se a ela senão para a submeter (devorar)”



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

(JÁUREGUI, 2016, p. 357), fato que permitiria ao Brasil “começar de novo”, cancelando sua condição de existência marcada não apenas pela violência colonial, mas também pelas consequências culturais e imposições normativas, filosóficas e estéticas que legaram.

Azevedo (2018) ressalta que a investida contra a colonização não estava ligada apenas ao resultado da exploração econômica ocorrida no Brasil colonial. Sob a perspectiva de que a investida colonial teria sido um processo desigual de encontro cultural hierarquizado, a ideia do movimento antropófago foi a de redesenhar esse “encontro”, denunciando e estabelecendo novos paradigmas para essa relação. Dessa forma, “[...] a antropofagia procura responder ao colonizador com uma devoração da história em que haja troca de papéis, inversão de hierarquias e uma projeção de futuro em que possa existir o ‘bárbaro tecnizado’” (AZEVEDO, 2018, p. 78).

O bárbaro tecnizado expressaria o tipo humano que viveria os resultados da “descida” antropófaga e que formaria, segundo Oswald de Andrade, uma modernidade alternativa, “[...] sem complexos, sem loucura, sem prostituições e sem penitenciárias do matriarcado de Pindorama” (ANDRADE, 1928, p. 7). Esta última ideia, ressalta Azevedo (2018), por mais que seja associada a um passado distante e exótico, é usada por Oswald de maneira contemporânea, aludindo a um futuro em que viveria o bárbaro tecnizado, ponto máximo da revolução esperada pelo autor ao dizer que “[...] Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos” (ANDRADE, 1928, p. 3).

A menção feita ao conceito de bárbaro tecnizado é central não apenas por indicar o que Oswald presumia como resultado humano da Revolução Caraíba, mas também porque Keyserling foi um importante autor que escreveu sobre a decadência do Ocidente após a Primeira Guerra Mundial. Assumido seguidor de Spengler - autor responsável pelo conceito de pseudomorfose citado por Costa em “Revisão Necessária” - o conde alemão Hermann de Keyserling tinha uma visão de mundo baseada na “[...] pluralidade dos ritmos vitais entre as diversas civilizações do globo. O Oriente estacionário, milenar, as Américas telúricas e a Europa decadente compondo um tecido mundial de múltiplas e



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

complementares temporalidades. [...]. A convivência entre as três temporalidades mundiais formaria um tipo harmonioso de concordância discordante, isto no horizonte utópico e pacifista do pensamento do filósofo que propunha uma verdadeira redenção advinda da diversidade das formas de história” (FARIA, 2013, p. 907). Ao atribuir maior ênfase à cultura e às diferentes temporalidades como elementos que salvariam o Ocidente de seus perigos - excesso de técnica, desumanização etc. -, o autor, além de colocar em xeque a ideia de história universal pretendida pela cultura ocidental, coloca Oriente, América e Europa em linha de igualdade, sendo todas fundamentais para o equilíbrio da humanidade. Ao apropriar-se do esquema de pensamento de Keyserling, Oswald, como não poderia deixar de ser, reabilita-o antropofagicamente. Faria (2013) defende que o uso da ideia do conde alemão serve para estabelecer as bases de inversão a serem fincadas pela Revolução Caraíba. Assim, retornando à citação do Manifesto Antropofago, o autor mostra que ao propor a caminhada da Revolução Francesa ao bárbaro tecnizado. Oswald sugere uma inversão do rumo histórico tradicionalmente aceito, que ruma da Europa às Américas.

Considerações Finais

A questão que se coloca, por fim, é se essa figura do bárbaro tecnizado pode ser considerada como um esboço de identidade nacional proposta pelo grupo antropófago. A esse respeito, este estudo concorda com Azevedo (2018, p. 215) quando defende que a força da Antropofagia:

[...] resiste justamente por nos lembrar que o ‘homem primitivo’, o ‘homem nu’, o ‘homem natural’, ou seja, o antropófago, vive em todos nós não como passado ancestral a ser recuperado, não enquanto ‘identidade nacional’, mas como uma dimensão vital e necessária, uma fonte matriarcal de desejo lúdico que questione as dominações patriarcais, do Estado, da família, da religião, da lógica, da gramática.

De fato, o que o movimento antropófago propõe não é uma identidade nacional; e sim uma identidade antropófaga. Antes de sermos brasileiros, o grupo propunha que



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

fossemos antropófagos, para que só assim chegássemos à perfeição⁶. Trata-se da proposição de uma nova perspectiva social, histórica e filosófica para a avaliação da existência, seja ela brasileira ou não.

É importante ressaltar, porém, que o movimento alcançou essa concepção seguindo um caminho de valorização das particularidades nacionais. De maneira geral, podemos dizer que Antropofagia só alcançou o bárbaro tecnizado conhecendo, antes, a cosmologia das sociedades tupi-guarani da costa brasileira quinhentista; e que só conseguiu pensar em uma realidade alternativa conhecendo a realidade na qual estavam inseridos. Nesse cenário, para ascender à condição de bárbaro tecnizado, os sujeitos deveriam se reconhecer como frutos de um processo de colonização violenta, que impôs condições de existência em que só era possível se enxergar com os olhos do colonizador.

Isso, no entanto, não significa que a questão da identidade nacional não fosse latente para o grupo, vez que se inseriram em um contexto intelectual em que o tema era discutido com amplitude. Segundo Oliven (2001), foi no período da República Velha (1889-1930) que os intelectuais brasileiros resgataram a discussão da nacionalidade brasileira de maneira mais efervescente. Contemporâneos dos processos de aceleração da industrialização, crescimento urbano e do surgimento incipiente da mão de obra assalariada, esses intelectuais viveram um momento em que o Brasil pôde, de certa forma, se ver em relação mais próxima com a modernidade europeia. No entanto, conviviam com esses elementos a tradição herdada do passado colonial do país, baseada na desigualdade regional, nos latifúndios e no sistema oligárquico.

Diante dessas condições, e pensando em como se construir enquanto sujeito nacional nessas dissonâncias, a intelectualidade do país teve tendências oscilantes que ora valorizavam e ora desvalorizavam a cultura brasileira. Dentro dessa lógica, o movimento antropófago se localizou em um momento de valorização, e propôs como resultado humano de suas propostas a figura do bárbaro tecnizado, um sujeito que, sem negar os avanços técnicos e intelectuais trazidos pela experiência europeia, mas

⁶ Essa ideia faz referência ao texto *Abre-Alas*, de Antônio de Alcântara Machado, que figura como o primeiro texto do primeiro número da *Revista de Antropofagia*.



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

digerindo e absorvendo-os mediante referências nativas, se apresenta como uma síntese do melhor desses dois mundos: um ser de consciência antropófaga agindo e interagindo nas bases materiais, políticas e sociais de sua época.

Referências

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropofago. **Revista de Antropofagia**, v. 1, n. , p. 3- 7, 1928.

ALCÂNTARA Machado, Antônio de. Abre-Alas. **Revista de Antropofagia**, v. 1, n. 1, p. 1, 1928.

AZEVEDO, Beatriz. **Antropofagia** – Palimpsesto Selvagem: Beatriz Azevedo. São Paulo: SESI – SP, 2018.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. **A Vanguarda Antropofágica**. São Paulo: Editora Ática, 1985.

COSTA, Oswaldo. A “Descida” Antropophaga. **Revista de Antropofagia**, v. 1, n. 1, p. 8, 1928.

COSTA, Oswaldo. Revisão necessária. **Revista de Antropofagia**, v. 2, n.1 , p. 1, 1929.

JÁUREGUI, Carlos A. La otra Antropofagia. Oswaldo Costa y la crítica de la cuestión colonial. **Revista Iberoamericana**, vol. LXXXII, n. 255-256, p. 349-374, 2016.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a crítica e o Modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LESSA, Renato. **A invenção republicana: Campos Sales, as bases e a decadência da Primeira República brasileira**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1988.

NODARI, Alexandre. A transformação do Tabu em totem: notas sobre (um)a fórmula antropofágica. **Revista Das Questões: Filosofia, Tradução e Arte**, n. 2, p. 8-44, 2015.

QUEIROZ, Helaine Nolasco de. O estômago de um periódico: edição e circulação da Revista de Antropofagia. **Temporalidades – Revista de História**, v. 8, n. 2, p. 318-345, 2016.



“Hoje somos antropófagos, e foi assim que chegamos à perfeição”: Antropofagia brasileira e identidade nacional

Alice de Souza Araújo

SILVA, Ricardo. O Contextualismo Linguístico na História do Pensamento Político: Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, v. 53, n. 2, p. 299-335, 2010.

SKINNER, Quentin. Social Meaning and the Explanation of Social Action. In: J. Tully (Ed.), **Meaning and Context: Quentin Skinner and his Critics**. Cambridge, Polity Press, 1988.

ZUIN, João Carlos. A crise da modernidade no início do século XX. **Revista Estudos de Sociologia**, v. 6, n. , p. 67-90, 2001.